

**Programa de habilidades sociais e suas implicações para qualidade de vida na
adolescência: revisão de literatura**

**Social skills program and its implications for quality of life in adolescence: a literature
review**

**Programa de habilidades sociales y sus implicaciones para la calidad de vida en la
adolescencia: revisión de la literatura**

Recebido: 03/09/2020 | Revisado: 12/09/2020 | Aceito: 14/09/2020 | Publicado: 14/09/2020

Mônica dos Santos de Oliveira

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5005-2528>

Centro Universitário de Ciências e Tecnologia do Maranhão, Brasil

E-mail: monikasantos82@gmail.com.br

Winthney Paula Souza Oliveira

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1221-1206>

Centro Universitário de Ciências e Tecnologia do Maranhão, Brasil

E-mail: winthew00@hotmail.com.br

Francisca Tatiana Dourado Gonçalves

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5414-0381>

Centro Universitário de Ciências e Tecnologia do Maranhão, Brasil

E-mail: tatyanaourado@yahoo.com.br

Pedro Wilson Ramos da Conceição

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3868-4917>

Centro Universitário de Ciências e Tecnologia do Maranhão, Brasil

E-mail: pedro_wilson_ramos@hotmail.com.br

Resumo

A adolescência é uma etapa da vida marcada por muitas mudanças, além das mudanças físicas, próprias da puberdade, as psicossociais se fazem presente e são evidenciadas nos relacionamentos interpessoais. Com a exposição a contextos que até então não eram enfatizadas na infância, o adolescente passa por conflitos interpessoais, surgindo os repertórios deficitários de habilidades sociais que são apontados como grande fator de vulnerabilidade e risco para saúde. O objetivo do presente estudo é investigar as contribuições dos programas de habilidades sociais para a qualidade de vida dos adolescentes, o mesmo

trata-se de uma revisão integrativa de literatura, de abordagem quali- quantitativa e caráter descritivo. Os programas de habilidades sociais são apontados na perspectiva de estabelecer novos repertórios e contribuir para seu desenvolvimento e manutenção, além de fortalecer o adolescente para o enfrentamento de situações adversas, constituindo-se grande aliado na promoção de saúde. Portanto, tornam-se imperativas ações que fomentem o investimento em treinos de habilidades sociais para adolescentes, e que se pense no estabelecimento de políticas públicas mais efetivas nesse âmbito.

Palavras-chave: Adolescentes; Habilidades sociais; Relações interpessoais; Qualidade de vida.

Abstract

Adolescence is a stage of life marked by many changes, in addition to physical changes, typical of puberty, psychosocial ones are present and are evidenced in interpersonal relationships. With exposure to contexts that until then were not emphasized in childhood, adolescents experience interpersonal conflicts, resulting in deficient repertoires of social skills that are identified as a major factor of vulnerability and health risk. The objective of the present study is to investigate the contributions of social skills programs to the quality of life of adolescents, which is an integrative literature review, with a qualitative and quantitative approach and descriptive character. Social skills programs are aimed at establishing new repertoires and contributing to their development and maintenance, in addition to strengthening adolescents to cope with adverse situations, constituting a great ally in health promotion. Therefore, actions that encourage investment in social skills training for adolescents are imperative, and that the establishment of more effective public policies in this area is considered.

Keywords: Adolescents; Social skills; Interpersonal relationships; Quality of life.

Resumen

La adolescencia es una etapa de la vida marcada por muchos cambios, además de los cambios físicos, propios de la pubertad, los psicosociales están presentes y se evidencian en las relaciones interpersonales. Con la exposición a contextos que hasta entonces no se enfatizaban en la infancia, los adolescentes experimentan conflictos interpersonales, resultando en repertorios deficientes de habilidades sociales que se identifican como un factor mayor de vulnerabilidad y riesgo para la salud. El objetivo del presente estudio es investigar los aportes de los programas de habilidades sociales a la calidad de vida de los adolescentes,

lo cual es una revisión de la literatura integradora, con un enfoque cualitativo y cuantitativo y de carácter descriptivo. Los programas de habilidades sociales tienen como objetivo establecer nuevos repertorios y contribuir a su desarrollo y mantenimiento, además de fortalecer a los adolescentes para hacer frente a situaciones adversas, constituyéndose en un gran aliado en la promoción de la salud. Por ello, son imperativas acciones que incentiven la inversión en la formación de habilidades sociales de los adolescentes, y que se considere el establecimiento de políticas públicas más efectivas en esta área.

Palabras clave: Adolescentes; Habilidades sociales; Relaciones interpersonales; Calidad de vida.

1. Introdução

A adolescência é uma fase do desenvolvimento, que abrange a transição da infância para vida adulta, marcada por riscos e oportunidades (Neufeld et al, 2017). Apesar da perspectiva cronológica não ter um consenso (Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA): 12 anos completos até 18 anos incompletos e Organização Mundial da Saúde (OMS): 10 - 19 anos), a adolescência é definida pelo processo de crescimento e desenvolvimento biopsicossocial, marcada por mudanças hormonais que afetam o jeito de ser e o agir das pessoas (Cardoso et al., 2017).

Por muito tempo a adolescência foi negligenciada e vista sob ótica negativista, que reduzia essa fase da vida a um mero período de “transição”, não sendo validado como um período crucial de desenvolvimento que merece total atenção, pois apesar das vulnerabilidades, é muito propício para ampliação e aquisição de novos repertórios de habilidades (Leme et al., 2016).

Dados da Organização Mundial da Saúde (OMS, 2018) revelaram dados alarmantes sobre essa população, apontando que em 2016, morreram mais de 1,1 milhão de adolescentes, e as principais causas apresentadas foram lesões no trânsito, suicídio, violência interpessoal e HIV/AIDS. O levantamento também apontou que, metade de todos os transtornos mentais na idade adulta, começa aos 14 anos e ainda indicou altas taxas de gravidez na adolescência. Esses dados podem ser interpretados como resultado da falta de atenção à saúde do adolescente no passado. E também, apontam para a urgência de investimentos em cuidados, que apesar de ter sido progressiva nas últimas décadas, ainda há muito que ser feito.

É importante frisar que ao tratar da saúde do adolescente, abre-se um leque de atuações e possibilidades de atenção para essa população, não se restringindo, somente, à

ausência de saúde e prevenção de comportamentos de risco, mas atentando-se a qualidade de vida, o que inclui satisfação pessoal e desenvolvimento de competências sociais, além da manutenção de comportamentos que contribuam para o seu desenvolvimento saudável (Senna & Dessen, 2015).

Apesar de a adolescência ser frequentemente apresentada como uma fase de transição do desenvolvimento humano, marcada por grande instabilidade, conflitos, turbulências, estresse e sentimentos ambíguos. Nessa etapa da vida, além das mudanças físicas, própria da puberdade, tem também as psicossociais, que são evidenciadas nos relacionamentos interpessoais, através das expectativas demandadas pela inserção em novos grupos e contextos sociais (Campos et al., 2018; Lacunza & Contini, 2016).

São impostos aos adolescentes outros padrões de conduta, como bom desempenho acadêmico, autonomia na execução de tarefas, início de relacionamentos afetivos e manutenção de relacionamentos mais duradouros. Essas são práticas da cultura ocidental que são estabelecidas, expondo o adolescente a novos contextos que até então não eram enfatizadas na infância, o que pode afetar a qualidade de vida e bem estar do adolescente (Pereira-Guizzo et al., 2018).

Diante dos novos contextos que os adolescentes são incluídos, surge a problemática, pois é nesse momento que manifestam-se os conflitos interpessoais evidenciando os repertórios deficitários de Habilidades Sociais (HS), apontados como grande fator de vulnerabilidade e que predispõe o envolvimento em episódios de bullying, depressão, dificuldades de aprendizagem, abuso de drogas lícitas e ilícitas e iniciação sexual precoce (Fogaça et al., 2019; Pereira-Guizzo et al., 2018).

Em virtude dos altos índices de problemas de saúde, resultantes de fatores comportamentais na adolescência, como os apresentados pela OMS (2018), é apontada a necessidade de se construir habilidades de enfrentamento mais sustentáveis (Longhini et al., 2017). Confirmando essa proposição mediante as inquietações sobre a saúde do adolescente, a OMS (1997) indica o desenvolvimento de habilidades de vida, e entre elas estão às HS.

É importante destacar que quando se trata das (HS) existe a dualidade do termo, um no sentido macro, referente ao (campo teórico e prático de produção e aplicação dos conhecimentos psicológicos) e outro, que se encontra dentro deste campo e se constitui como um (conceito chave) (Del Prette & Del Prette, 2017).

No que tange a compreensão das HS como conceito, ela é definida como um constructo descritivo e corresponde a um conjunto de classes de resposta ou de comportamento (Ex: iniciar e manter conversações, falar em público, defender os próprios

direitos, pedir favores, recusar pedidos, expressar opinião, lidar com críticas) que são usadas para lidar de forma adequada quando o indivíduo se encontra em interação social (Del Prette & Del Prette, 1999). E quando se trata das HS na adolescência, estas por sua vez, estão organizadas em seis classes de comportamento: Empatia, Autocontrole, Civilidade, Assertividade, Abordagem afetiva e Desenvoltura social (Del Prette & Del Prette, 2017).

Definidas por Del Prette e Del Prette (2017, p. 24) as HS correspondem a “um construto descritivo dos comportamentos sociais valorizados em determinada cultura com alta probabilidade de resultados favoráveis para o indivíduo, seu grupo e comunidade, que podem contribuir para um desempenho socialmente competente em tarefas interpessoais”. No entanto, essa não é a única forma de definição, existe uma variabilidade de tentativas de nomear as HS e talvez seja esse um dos motivos que possa levar a confusões sobre os termos habilidades sociais, desempenho social e competência social, muitas vezes interpretado como sinônimos (Comodo & Dias, 2017; Fogaça et al., 2019).

Com os embaraços em relação aos termos, é possível que ocasione prejuízos acerca da compreensão do campo teórico-prático das HS, podendo também prejudicar as aplicações e intervenções. É importante distingui-los para compreender melhor essa área tão vasta e fértil. As HS são apresentadas como sendo de caráter descritivo do repertório comportamental verbal e não verbal do indivíduo, e um bom repertório é condição propícia para a competência social, mas há a ressalva, de que não é por si só, o suficiente (Campos et al., 2018).

A competência social entra em cena com seu um caráter avaliativo com duas dimensões de funcionalidade, pautada nos efeitos do comportamento, tanto para o indivíduo (consequências imediatas reforçadoras – aspecto instrumental), quanto para o grupo (consequências reforçadoras de médio e longo prazo - aspecto ético-moral) e é isso que classificará se o desempenho é, ou não, adequado (Del Prette & Del Prette, 2010).

Embora se aplique as diferentes fases do desenvolvimento humano, as HS tem grande relevância na infância e adolescência, seja em ambientes naturais ou estruturados, o que tem contribuído para o crescente interesse em intervenções para a aprendizagem destas habilidades entre grupos e contextos distintos (Del Prette & Del Prette, 2010; Fogaça et al., 2019).

A construção de um repertório socialmente habilidoso pode ocorrer em interações em contextos naturais sem treinamento formal, como no relacionamento entre pais e filhos, irmãos, colegas de escola, amigos e cônjuges. No entanto, existem comumente falhas nestes processos de aprendizagem, provenientes de vivências limitantes a contextos significativos entre pares, ocasionando déficits relevantes em habilidades sociais (Pereira-Guizzo et al.,

2018).

Devido às falhas no contexto natural, mas não somente, é que os programas de habilidades sociais são apresentados como recurso para prevenção ou minimização dessas aprendizagens deficitárias. Um Programa de Habilidades Sociais (PHS) é caracterizado como o conjunto de procedimentos e técnicas de intervenção, que reúnem atividades estruturadas, com o objetivo de promover aprendizagem e/ou o desenvolvimento das habilidades sociais, a fim de manter ou melhorar os relacionamentos interpessoais (Del Prette & Del Prette, 2010).

Com a tentativa de clarear os entendimentos sobre o campo das HS e apresentá-la como uma ampla área de conhecimento teórico-prático, apresentando seus principais conceitos e correlacionando com a população adolescente, o objetivo desse estudo é investigar as contribuições dos programas de habilidades sociais para a qualidade de vida dessa população.

2. Metodologia

O presente estudo trata-se de uma revisão integrativa de literatura, de abordagem quali- quantitativa e caráter descritivo. Esse tipo de estudo segue os princípios da pesquisa bibliográfica que permite agrupar, sintetizar e interpretar estudos científicos elaborados anteriormente, colaborando para investigação sobre o tema em questão, “Programa de habilidades sociais para qualidade de vida de Adolescentes”. Souza et al. (2010) reforçam a importância da pesquisa de revisão integrativa, pois a mesma permite sintetizar conhecimentos acerca de determinada temática e fomenta a prática fundamentando-se em conhecimento científico.

Para construção dessa pesquisa, seguiram-se as seguintes etapas: a) Identificação do tema e seleção da questão de pesquisa, b) Busca de referências, c) Estabelecimento dos critérios de inclusão e exclusão e d) Identificação dos estudos selecionados e pré-selecionados.

A questão norteadora da pesquisa foi: quais as contribuições dos programas de habilidades sociais para a qualidade de vida de adolescentes?

Para a busca das referências, foram utilizados os Descritores em Ciências da Saúde (DeCS): adolescentes, habilidades sociais, relações interpessoais e qualidade de vida. As bases de dados e portais acessadas foram: BVS, Medline, PePSIC, SciELO e PsycINFO, além de alguns sites e livros específicos sobre Habilidades Sociais.

Como critério de inclusão utilizou-se artigos de língua portuguesa, inglesa e

espanhola, publicados entre os anos 2010 e 2020, com o intuito de obter uma visão mais ampla. Aproveitando-se dos estudos de abordagem qualitativa e quantitativa, descritivos e exploratórios que tratassem do assunto em questão. Foram critérios de exclusão os artigos incompletos e que fugiam da questão norteadora.

3. Resultados e Discussão

Há evidências crescentes de que déficits nas HS em adolescentes estão correlacionados com fraco desempenho acadêmico, delinquência, abuso de drogas, desordens emocionais variadas, como transtornos de ansiedade (Del Prette & Del Prette, 2001), com problemas de comportamento (Casali-Robalinho et al., 2015), baixo desempenho acadêmico (Feitosa et al., 2012), abuso de substâncias (Sá & Del Prette, 2014), depressão (Campos et al., 2018), dependência de internet (Terroso & Argimon, 2016), bullying (Terroso et al., 2016), ideação suicida (Nunes & Mota, 2017) transtornos alimentares (Uzunian & Vitalle, 2015) e violência no namoro (Murta et al., 2013).

Em contrapartida, estudos com a população adolescente evidenciam que os repertórios de HS, consideradas variáveis importantes, são correlacionados com desempenho escolar satisfatório, socialização e a construção de redes de apoio (Del Prette & Del Prette, 2017; Feitosa et al., 2012), enfraquecimento do sexismo e heterossexismo (Murta et al., 2010) e preparação para o mercado de trabalho (Pereira- Guizzo et al., 2018).

No tocante a correlação entre HS e qualidade de vida do adolescente, é consensual na literatura a forte ligação entre ambos. Fica evidente como estes fatores implicam diretamente, no âmbito físico, psicológico e nas interações interpessoais. Nesse sentido, os PHS são apontados na perspectiva de estabelecer novos repertórios e contribuir para seu desenvolvimento e manutenção, além de fortalecer o adolescente para o enfrentamento de situações adversas, constituindo-se grande aliado na promoção de saúde (Leme et al., 2016).

É importante destacar que a busca na literatura destinou-se a investigar as publicações dos últimos 10 anos para levantar um panorama mais abrangente. A averiguação dos estudos baseou-se de acordo com as categorias de investigação de Teixeira et al. (2016): (1) Teóricos; (2) Aplicados; (3) Caracterização e/ou correlações; (4) Intervenções; (5) Construção, adaptação e validação de instrumentos e (6) Outras.

Dos 25 estudos selecionados, (4) de caráter teórico, (6) aplicados, (8) Caracterização e/ou correlações, (5) Intervenções, (1) Construção, adaptação e validação de instrumentos e (1) outros. O número reduzido de PHS para adolescentes não quer dizer que os programas em

habilidades, que são de caráter interventivo, são escassos, mas pode indicar que poucos são publicados e que muitos se perdem na seleção por não estarem explícitos em seus títulos e resumos.

Portanto, optou-se por analisar apenas três temáticas de PHS, considerando as especificidades da população adolescente, como o enfrentamento de desafios, situações de vulnerabilidade, conseguir um emprego e estabelecer relacionamentos íntimos (Lemes et al., 2016).

O PHS de prevenção à violência no namoro e promoção de habilidades de vida em adolescentes de Murta et al. (2013) constituiu-se como intervenção preventiva sobre a intenção de enfrentamento à violência no namoro e crenças sexistas e homofóbicas entre adolescentes. Participaram 60 adolescentes alocados não randomicamente em duas condições experimentais: CI (N = 27) e CC (N = 33). Enquanto a CC não recebeu nenhuma intervenção, a CI recebeu uma intervenção acerca de gênero, direitos e habilidades de vida, em sete sessões grupais. Os resultados apontaram evidências de que os participantes da CI, em comparação aos da CC, experimentaram mudanças positivas e esperadas, com maior redução em respostas sexistas hostis e homofóbicas explícitas. Esses dados sugerem que a intervenção promoveu crenças mais empáticas e menos violentas em relação aos papéis de gênero feminino e à orientação sexual homossexual. O estudo ainda contou com a avaliação de impacto, demonstrando que, para parte dos participantes, as habilidades de vida praticadas ao longo da intervenção permaneceram cinco meses após o término do programa.

Outros dois PHS de Murta et al. (2010, 2016) com diferentes populações de adolescentes, abordaram a mesma temática sobre prevenção à violência no namoro, direitos sexuais reprodutivos e papéis de gênero, os estudos apontaram eficácia dos programas na aquisição de habilidades interpessoais no decorrer das intervenções, tendo impacto direto na redução de respostas violentas e contribuindo para o desenvolvimento de relações respeitadas com seus próprios direitos e direitos dos outros e à diversidade humana, além do manejo das diferenças interpessoais em relações de namoro e início da vida sexual.

No PHS para Adolescentes em situação de vulnerabilidade de Leme et al. (2016) participaram 10 adolescentes (idade de 13 a 17 anos), de comunidades (favelas) do Rio de Janeiro. Foi realizado um programa exploratório e com foco na promoção de saúde, composto por 10 encontros, com medidas de avaliação de processo e de resultados finais. Os resultados indicaram aumento nos níveis de habilidades sociais de empatia, autocontrole, assertividade, abordagem emocional, desenvoltura social e em geral habilidades em autoeficácia e apoio social percebido de professores.

Pereira-Guizzo et al. (2018) desenvolveram o PHS para superação de dificuldades interpessoais em diferentes situações do cotidiano de adolescentes que buscavam oportunidades de trabalho. Participaram 26 adolescentes (idade entre 14 e 16 anos) de baixa renda, distribuídos por meio de sorteio em dois grupos, sendo um de intervenção e outro de controle. O estudo mostrou que a intervenção promoveu superação de dificuldades interpessoais relacionadas, principalmente, às habilidades sociais de Autocontrole e Abordagem social-sexual. Além disso, os resultados sugerem o reconhecimento de que o PHS promoveu aprendizagem de HS que ultrapassaram o âmbito profissional e envolveram diferentes situações sociais.

Os estudos de Murta et al. (2012) elenca alguns benefícios atrelados aos PHS como: são economicamente viáveis (exigem pouco recurso para aplicação), podem ser usados em grupos (escola, serviços comunitários e de saúde), seu efeitos tendem a se manter no tempo (contínuo), seus benefícios são generalizáveis (se expandem para várias áreas do funcionamento psicossocial) e ainda são de fácil inserção em políticas públicas.

Essas constatações podem ser verificadas nos PHS citados acima, pois ambos os programas foram desenvolvidos com atividades vivenciais, onde as relações entre os próprios participantes constituía o decorrer de todos os programas, não sendo necessários gastos extras com recursos, fato que o tornam economicamente viáveis, e todos aconteceram em grupos, seja em escolas ou programas comunitários. O programa de Pereira-Guizzo et al. (2018) em específico, constatou a evidência de que as aquisições são generalizáveis e Murta et al. (2013) endossam os efeitos contínuos do programa.

Com a análise dos programas foi possível detectar, também a aproximação entre adolescentes que vivem em contexto econômico vulnerável e a falta de habilidades, que implicam no despreparo para o trabalho (Pereira-Guizzo et al., 2018; Leme et al., 2016), os estudos de Cohen Imach et al. (2012) e González, et al. (2013) confirmam isso. Portanto, ressalta-se a importância da realização de PHS para adolescentes em contexto socioeconômico baixo, a fim de contribuir para que o adolescente consiga se inserir no mercado de trabalho aproveitando oportunidades, sem que seus direitos sejam violados, nem se torne vítima de exploração, mas sejam indivíduos que saibam se defender e se relacionar de maneira assertiva, o que poderá refletir positivamente nas escolhas e decisões para o seu futuro.

Estudos de Longhini et al. (2017) contribuem como um indicador de que as competências socioemocionais são influenciadas por diversas variáveis, sugerindo que as variáveis sociodemográficas possuem um destaque maior, ou seja, o contexto social no qual

os adolescentes estão inseridos pode ter maior influência para o baixo repertório em HS e a elevada dificuldade para a emissão destes comportamentos.

Outro apontamento identificado é a interferência das vivências limitantes para o desenvolvimento saudável do adolescente, os programas de Murta et al. (2012, 2013, 2016) apresentam bem esse panorama, quando relevam que muitos dos comportamentos agressivos, atitudes sexistas e homofóbicas, são muitas vezes desenvolvidas dentro dessas vivências deficitárias. E que depois da aplicação das intervenções ocorrem mudanças significativas no repertório comportamental, tornando adolescentes mais empáticos, respeitosos e desprendidos de preconceitos.

As investigações de Nunes e Mota (2017), também confirmam esse aspecto negativo das vivências limitantes, em específico esse estudo se relaciona a vinculação dos pais, os autores identificaram que a qualidade do laço emocional aos pais se associa positivamente com as competências sociais e negativamente com a ideação suicida, enquanto que a inibição da exploração e da individualidade se associa negativamente com as competências sociais e positivamente com a ideação suicida. Essas análises reforçam ainda mais a necessidade de PHS que tratem sobre os aspectos vivenciais vulneráveis, seja em contextos familiares, entre amigos ou parceiros românticos.

Outro ponto que os estudos revelam é a atenção em desenvolver PHS que vão além da remediação dos comportamentos não habilidosos, sugere-se a formulação de intervenções com carácter de promoção da saúde, tendo em vista, que as habilidades podem ser usadas sob a ótica potencializadora nas interações interpessoais, de forma preventiva, protetiva e de enfrentamento (Cardoso et al., 2017).

Diante da conjuntura, espera-se que novos PHS sejam formulados e que cheguem a todos aqueles que precisam, seja por meio de políticas públicas ou por iniciativas privadas, mas que em todos se revele o cuidado com os adolescentes, que haja acolhimento e que sementes de esperança sejam plantadas. Além da formulação, sugere-se a importância da publicação dos resultados para que sirva de comprovação e indique novas possibilidades de atuação em diferentes perspectivas.

4. Considerações Finais

Diante desta pesquisa de carácter de revisão integrativa pode-se perceber que os Programas de Habilidades Sociais-PHS voltados a adolescentes são muito importantes para sua qualidade de vida e saúde, pois proporcionaram aprendizagens que são generalizáveis e

aplicam-se para múltiplos contextos das vivências pessoais e interpessoais, como indicou os estudos de Leme et al. (2016), Murta et al. (2010) e Pereira-Guizzo et al. (2018), demonstrando que através dos treinos, possibilitaram a aquisição de habilidades que ultrapassam os objetivos dos programas, contribuindo para o desenvolvimento e formação de jovens que enfrentam as adversidades da vida de maneira plena e saudável, conhecendo e respeitam seus próprios direitos e direitos dos outros, e sendo assertivos nas suas relações, seja ela íntima ou profissional.

No tocante ao que se refere às habilidades sociais e adolescência e a forte correlação entre ambas, é necessário clarear a perspectiva que apesar da grande relevância da aquisição e reforçamento das HS em contextos deficitários ao longo do desenvolvimento do adolescente, ela não se restringe a essa situação. É importante frisar que a adolescência é uma fase propícia para acontecimentos positivos.

Por isso sugere-se que novos PHS sejam elaborados com foco nas potencialidades dos adolescentes e não apenas em seus déficits. E diante da efetividade dos programas, é necessário que haja incentivo para maiores investimentos na elaboração e aperfeiçoamento dos mesmos, bem como a capacitação daqueles que irão aplicar, pois constituem-se fator importante para o engajamento dos adolescentes e permanência nas atividades. Também destaca-se a necessidade de estabelecimento de políticas públicas mais efetivas nesse âmbito.

Referências

Campos, J. R., Del Prette, Z. A. P., & Del Prette, A. (2018). Relações entre depressão, habilidades sociais, sexo e nível socioeconômico em grandes amostras de adolescentes. *Psic.: Teor. E Pesq., Brasília*, 34, e3446. <https://doi.org/10.15900/0102.3772e3446>.

Cardoso, J. K. S., Coelho, L. B., & Martins, M. G. T. (2017). Crescer para saber: o treinamento de habilidades sociais e assertividade com adolescentes em âmbito escolar. *Revista Eletrônica Estácio Papyrus*, 4(2), 215-231.

Casali-Robalinho, I. G., Del Prette, Z. A. P., & Del Prette, A. (2015). Habilidades sociais como preditoras de problemas de comportamento em escolares. *Psic.: Teor. e Pesq.*, Brasília, 31(3), 321-330.

Cohen Imach, S., Caballero, S. V., Hormigo, K., & Mejail, S. (2012). Habilidades sociais, isolamento e comportamento antissocial em adolescentes em contextos de pobreza. *Act. Colom. Psicol.*, Bogotá, 15(1), 11-20.

Comodo, C. N., & Dias, T. P. (2017). Habilidades sociais e competência social: Analisando conceitos ao longo das obras de Del Prette e Del Prette. *Interação em Psicologia*, Curitiba, 21(2). <http://dx.doi.org/10.5380/psi.v21i2.50314>

Del Prette, Z. A. P., & Del Prette, A. (2017). *Competência social e habilidades sociais: manual teórico-prático*. Petrópolis, RJ: Editora Vozes.

Del Prette, Z. A. P., & Del Prette, A. (2010). Habilidades sociais e análise do comportamento: Proximidade histórica e atualidades. *Perspectivas*, São Paulo, 1(2), 104-115. <http://dx.doi.org/10.18761/perspectivas.vli2.33>

Del Prette, Z. A. P., & Del Prette, A. (2001). *Inventário de Habilidades Sociais (IHS-Del Prette): Manual de aplicação, apuração e interpretação*. São Paulo: Casa do Psicólogo.

Del Prette, Z. A. P., & Del Prette, A. (1999). *Psicologia das habilidades sociais: Terapia, educação e trabalho*. Petrópolis: Vozes.

Feitosa, F. B., Del Prette, Z. A. P., & Del Prette, A. (2012). Social skills and academic achievement: The mediating function of cognitive competence. *Temas em Psicologia*, 20(1), 61-70.

Fogaça, F. F. S., Tatmatsu, D., Comodo, C. N., Del Prette, Z. A. P., & Del Prette, A. (2019). O desenvolvimento de habilidades sociais na adolescência como ápice comportamental. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*, [S. 1.], 21(2), 217-231. <https://10.31505/rbtcc.v21i2.1162>

González, E. N. C., Lacunza, A. B., & Chein, A. E. E. (2013). Habilidades sociais em contextos urbanos e rurais. Um estudo comparativo com adolescentes. *Psychogente*, 16(29).

Lacunza, A. B., & Contini, E. N. (2016). Relaciones interpersonales positivas: los adolescentes como protagonistas. *Psicodebate*, 16(20), 73–94. <https://doi.org/10.18682/pd.v16i2.598>

Leme, V. B. R., Fernandes, L. de M., Jovarini, N. V., Achkar, A. M. E., & Del Prette, Z. A. P. (2016). Programa de Habilidades Sociais para Adolescentes em Contextos Sociais Vulneráveis. *Psico-USF*, Itatiba, 21(3), 595-608. <https://doi.org/10.1590/1413-82712016210313>

Longhini, L. Z., Rios, B. F., Peron, S., & Neufeld, C. B. (2017). Caracterização das habilidades sociais de adolescentes em contexto escolar. *Rev. bras. ter. cogn.*, Rio de Janeiro, 13(2), 131-137. <https://doi.org/10.5935/1808-5687.20170018>

Murta, S. G., Del Prette, A., & Del Prette, Z. A. P. (2010). Prevenção ao sexismo e ao heterossexismo entre adolescentes: contribuições do Treinamento em Habilidades de Vida e Habilidades Sociais. *Revista de Psicologia da criança e do adolescente*. 2,73-85.

Murta, S. G., Moore, R. A., Miranda, A. A. V., Cangussú, E. D. A., Santos, K. B. dos, Bezerra, K. L. T., & Veras, L. G. (2016). Efeitos de um Programa de Prevenção à Violência no Namoro. *Psico-USF*, Itatiba, 21(2), 381-393. <https://doi.org/10.1590/1413-82712016210214>

Murta, S. G., Santos, B. R. P. dos, Nobre, L. A., Araújo, I. F. de, Miranda, A. A. V., Rodrigues, Í. de O., & Franco, C. T. P. (2013). Prevenção à violência no namoro e promoção de habilidades de vida em adolescentes. *Psicol. USP*, São Paulo, 24(2), 263-288. <https://doi.org/10.1590/S0103-65642013000200005>.

Neufeld, C. B., Maltoni, J., Longhini, L. Z., & Amaral, J. A. G. (2017). Estratégias de manejo terapêutico com adolescentes. In C. B. Neufeld (Org.). *Terapia cognitivo-comportamental para adolescentes: uma perspectiva transdiagnóstica e desenvolvimental*, 116-133. Porto Alegre: Artmed.

Nunes, F., & Mota, C. P. (2017). Vinculação aos pais, competências sociais e ideação suicida em adolescentes. *Arq. bras. psicol.*, Rio de Janeiro, 69(3), 52-65.

Organização Mundial da Saúde (2018). *Adolescentes: riscos e soluções para a saúde*. Home /Redação /Fichas técnicas.

Organização Mundial da Saúde (1997). *Oral health surveys: basic methods*. (4a ed.), Geneva: ORH/EPID.

Pereira-Guizzo, C. S., Del Prette, Z. A. P., Del Prette, A., & Lemes, V. B. R. (2018). Programa de habilidades sociais para adolescentes em preparação para o trabalho. *Psicol. Esc. Educ.*, Maringá, 22 (3), 573-581. <http://dx.doi.org/10.1590/2175-35392018035449>

Sá, L. G. C., & Del Prette, Z. A. P. (2014). Habilidades sociais como preditoras do envolvimento com álcool e outras drogas: um estudo exploratório. *Interação em Psicologia*, Curitiba, 18(2).

Senna, S. R. C. M., & Dessen, M. A. (2015). Reflexões sobre a saúde do adolescente brasileiro. *Psic., Saúde & Doenças*, Lisboa, 16(2), 217-229. <http://dx.doi.org/10.15309/15-psd160208>

Souza, M. T., Silva, M. D., & Carvalho, R. de. (2010). Revisão integrativa: o que é e como fazer. *Einstein* (São Paulo), 8(1), 102-106.

Teixeira, C. M., Del Prette, A., & Del Prette, Z. A. P. (2016). Assertividade: uma análise da produção acadêmica nacional. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*, [S. l.], 18(2), 56-72.

Terroso, L. B., & Argimon, I. I. de L (2016). Dependência de internet e habilidades sociais em adolescentes. *Estud. Pesqui. Psicol.*, Rio de Janeiro, 16 (1), 200-219.

Terroso, L. B., Wendt, G. W., Oliveira, M. da S., & Argimon, I. I. de L. (2016). Habilidades sociais e bullying em adolescentes. *Temas psicol.*, Ribeirão Preto, 24(1), 251-259. <https://doi.org/10.9788/TP2016.1-17>

Uzunian, L. G., & Vitalle, M. S. de S. (2015). Habilidades sociais: fator de proteção contra transtornos alimentares em adolescentes. *Ciênc. saúde coletiva*, Rio de Janeiro, 20(11), 3495-3508. <https://doi.org/10.1590/1413-812320152011.18362014>

Porcentagem de contribuição de cada autor no manuscrito

Mônica dos Santos de Oliveira– 50%

Winthney Paula Souza Oliveira– 25%

Francisca Tatiana Dourado Gonçalves– 13%

Pedro Wilson Ramos da Conceição– 12%